

A INFLUÊNCIA DA LEITURA BOECIANA PARA A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO DE ANSELMO DE BEC.

ELIZABETE CUSTÓDIO DA SILVA RIBEIRO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ).

Resumo

A presente comunicação intenciona apontar, em linhas gerais, a importância da leitura de Boécio (470) para a formação humana e intelectual de um dos autores mais marcantes da Idade Média Central, Anselmo de Bec (1033). Observamos que, embora datada historicamente e oriunda de uma sociedade muito distinta, as formulações anselmianas encontradas, especialmente, nas obras *Monológio* e *Proslógio*, a respeito de Deus, dos homens e da sociedade, foram possíveis pela dedicada leitura e análise de obras clássicas, a exemplo dos escritos de Boécio, tais como *A Consolação da Filosofia* e *o De Trinitate*. Sob a influência deste modelo de leitura, Anselmo pôde estabelecer que há uma razão que a tudo precede e que o intelecto humano é a condição primeira para a existência do homem cristão. Esta foi uma forma de interpretação de mundo inédita para seu presente e expressava os primeiros indícios de mudança, a necessidade de novas explicações para as relações sociais. Tendo como fundamento a História, sob uma perspectiva de longa duração, pretendemos chamar a atenção para o fato de que, independente do período no qual se vive, a pesquisa e a reflexão histórica são imprescindíveis para a produção de novos conhecimentos e para a formação docente, uma vez que nos auxilia no sentido de compreendermos que a formação humana engloba a totalidade do indivíduo, ou seja, o homem em seus aspectos físicos, morais, intelectuais, sociais e afetivos.

Palavras-chave:

leitura, formação humana, Boécio e Anselmo de Bec.

Introdução

O presente trabalho objetiva apontar, em linhas gerais, a importância da leitura dos clássicos, em particular de Boécio (470) para a formação humana e intelectual de um dos autores mais marcantes da Idade Média Central: Anselmo de Bec (1033-1109). Observamos que, embora datadas historicamente e oriundas de uma sociedade muito distinta, as formulações anselmianas encontradas, especialmente, na obra *Monológio* e *Proslógio*, a respeito de Deus, dos homens e da sociedade, foram possíveis graças a uma formação pautada na leitura e na análise de obras clássicas, a exemplo dos escritos boecianos, tais como *A Consolação da Filosofia* e *o De Trinitate*.

Sob a influência deste modelo de leitura, Anselmo pôde estabelecer que há uma razão que a tudo precede e afirmar que o intelecto humano é a condição primeira para a existência do homem cristão. Este pensar, inédito para o momento, do nosso ponto de vista, expressava os primeiros indícios de mudança na forma do homem medieval interpretar o mundo, o surgimento da necessidade de novas explicações para as relações sociais.

Tendo como fio condutor a própria História, sob uma perspectiva de longa duração, pretendemos chamar a atenção para o fato de que a leitura e a reflexão histórica são imprescindíveis para a formação e para a produção de novos

conhecimentos, bem como para um melhor entendimento da sociedade na qual se vive.

Salientamos que o homem Anselmo só pôde "vir a ser" um grande teólogo pelas leituras que realizou, dentre elas os clássicos escritos por Boécio, pensador de suma importância para entendermos o pensamento e a formação do homem medieval. Este conhecimento, aliado ao das Sagradas Escrituras e à sua fé, proporcionou a Anselmo uma leitura de mundo bastante apurada para o seu tempo, ou seja, forneceu-lhe instrumentos para perceber as mudanças nas relações cotidianas, ainda em seu princípio.

Anício Mânlio Torquato Severino Boécio

Boécio (475-524) vivenciou um difícil período, no qual a tradição clássica vem dar *corpus* ao pensamento cristão. Boehner e Gilson o descrevem como transmissor de um patrimônio fadado ao declínio:

"Boécio é chamado o último romano e o primeiro escolástico. Exprime-se assim, muito acertadamente, o seu papel de intermediário. Ele próprio, aliás, esteve plenamente consciente dessa tarefa. Compenetrado de sua missão de transmissor de um patrimônio cultural fadado ao declínio, quis servir de educador daqueles povos ainda jovens e robustos que, ignorantes do idioma grego, não tinham acesso para as obras de Aristóteles e os diálogos de Platão. Alentava, ademais, o generoso ideal de reunir numa síntese compreensiva as doutrinas de Aristóteles e Platão. Seu propósito era traduzir para o latim todas as obras deles e, na base de uma série de comentários, demonstrar o acordo substancial entre os dois filósofos. Basta relançar a obra de Boécio para darmos conta do quanto pôde realizar e de quão longe a realidade dista do seu grandioso ideal "(BOEHNER e GILSON, 1970, p. 210).

Boehner e Gilson explicitam que o grande ideal de Boécio foi disponibilizar o conhecimento das obras de Aristóteles por meio das traduções para o latim. O papel de Boécio na educação medieval foi fundamental e, embora tenha lançado as primeiras sementes de conhecimento para a jovem sociedade que nascia, a colheita ficou para os séculos posteriores.

Sobre o ideal boeciano de manter viva a tradição clássica, também escreveu Savian Filho:

"Pode-se dizer que Boécio é o principal representante dessa sociedade romana e de sua cultura, porém um representante relativamente mais refinado. Manifestava, como se sabe, a consciência da missão urgente de manter viva essa tradição, sobretudo porque constatava o atraso da cultura latina comparada à do oriente grego. O mundo latino não tinha, ainda, adquirido a possibilidade de um estudo sério, científico, da filosofia, que parece ser o apanágio dos gregos. Eis para onde tendem os escritos de Boécio, o auxílio que eles devem fornecer. Enquanto cônsul, enfatiza que o dever de assegurar a instrução pública é um dos deveres dos quais ele foi investido e aos quais pretende permanecer fiel [...]"(SAVIAN FILHO, 2005, p. 28-29).

Porque se dedicou a manter o patrimônio cultural de sua época, colocando-o à disposição da sociedade que emergia, Boécio foi denominado "o verdadeiro *educador* do Ocidente" por Steenberghen:

"A atividade política de Boécio não o desviou nunca da filosofia, de cujo valor cultural ele claramente se apercebeu. O seu objetivo parece ter sido colocar ao serviço da jovem civilização que desabrochava no reino gótico os tesouros da sabedoria grega que pudera conhecer em Atenas. Tinha querido traduzir para o latim tudo o que conhecia de Aristóteles e, sem dúvida, de Platão e do platonismo [...]. Por isso, o papel de Boécio foi capital como veículo da filosofia grega e sobretudo da lógica de Aristóteles. Transmitiu também idéias estoicas, neoplatônicas e agostinianas. A sua influência foi profunda durante toda a Idade Média; foi o verdadeiro *educador do Ocidente*" (s/d, p. 54-55).

Nessa passagem, à semelhança de Boehner e Gilson (1970) e Savian Filho (2005), Steenberghen afirma que a atuação de Boécio foi educativa. Seja como autor, tradutor ou comentador, ele contribuiu para construir uma via pela qual o conhecimento pôde chegar às novas gerações, inclusive a nossa.

O grau de importância que atribuiu ao conhecimento na existência dos homens e da sociedade evidencia-se em sua mais conhecida obra, *A consolação da Filosofia*^[1] (1998), um grande exemplo da importância da memória e da manutenção do pensamento reflexivo. Nela, Boécio lamentou não só a sua condição, a perda dos bens, mas o fato de a sociedade ter abandonado a filosofia, a reflexão, a cultura e o conhecimento.

A referida obra, escrita pouco antes de sua morte, período em que Boécio esteve preso, acusado de traição política, evidencia a importância da racionalidade humana, a importância de os homens pensarem a formação de sujeitos que *são* e não que *têm*:

" [...] assim é a natureza humana: superior a todo o resto da criação quando usa de suas faculdades racionais, mas da mais baixa condição quando cessa de ser o que realmente é. Nos animais, essa ignorância de si mesmo é inerente à sua natureza; no homem é uma degradação. Como é grande o vosso erro quando pensais em vos exaltar com coisas externas! É algo inconcebível! E ademais, quando alguém se distingue pelos ornamentos que ostenta, são os ornamentos que são admirados, e não quem os traz "(BOÉCIO, *A Consolação da Filosofia*, II, 9, 2).

Boécio demonstrou sua preocupação com o excesso de apego dos homens aos bens materiais. Na passagem transcrita, ele está descrevendo a degradação do homem quando ele se afasta da sua racionalidade, deixando-se levar pelo que é aparente. O homem deixa de ser superior aos demais seres quando se afasta de sua essência. Esta é uma das preciosas lições de Boécio para a atualidade.

Para este pensador, o que nos torna homens é o conhecimento e este é o único bem que verdadeiramente nos pertence. Na *Consolação da Filosofia*, por meio de um diálogo e da personificação da filosofia, ele discute que os bens materiais são o que temos e não o que somos. Quando perdeu seu prestígio e fortuna, Boécio se deu conta de que estas eram coisas externas, ou seja, não lhe pertenciam de fato.

Despojado de seus bens, pôde perceber o que lhe era precioso: o discernimento das coisas.

"[...] Acaso achas de pouca importância o fato de esta severa e temível Fortuna te revelar quem são teus verdadeiros amigos, distinguir a franqueza e a hipocrisia de teus companheiros e levar o que te foi dado por ela para deixar apenas o que é teu? Por que preço buscarias adquirir esse discernimento quando não estavas abalado pela Fortuna e te acreditavas feliz? Agora, tu te queixas da ruína; contudo, encontraste por isso mesmo tua mais preciosa riqueza: teus verdadeiros amigos (BOÉCIO, *A Consolação da Filosofia*, II, 15, 2)".

Tudo para Boécio era mutável, exceto o conhecimento. É o que explica Fumaroli no prefácio de *A Consolação da Filosofia*:

"[...] o que Boécio nos ensina, com tanta autoridade hoje como no século VI, é que a única cultura fértil, oral ou escrita, é a que trazemos intimamente em nós, são os textos clássicos inesgotáveis inseminados na memória e cujas palavras tornam-se fontes vivas, à prova de tristeza, do sofrimento, da morte. O resto, de fato, é "literatura" "(1998, p. XXIII).

Para Boécio, o homem pode se tornar cristão exatamente porque pensa e tem fé. Fé e razão perpassam toda a Idade Média, e, portanto, aparecem como duas fontes marcantes de conhecimento nas reflexões de Boécio, especialmente em *De Trinitate*, obra disponibilizada em português por intermédio da tradução de Lauand (2008).

Segundo Lauand, o *De Trinitate* foi o principal escrito teológico de Boécio. Nele se expressam as "primícias do método escolástico".

"[...] O surgimento desse opúsculo, no início do século VI, assinala o nascimento da Escolástica, um método que iria marcar por quase mil anos o pensamento ocidental e, séculos mais tarde, consubstanciar-se em sua mais importante instituição educacional: as Universidades. Mas o *De Trinitate* não se restringe a aspectos formais ou metodológicos. Ao valer-se do instrumental aristotélico para a análise do conteúdo da fé, Boécio lançava conceitos e teses fundamentais, que exerceriam extraordinária influência sobre o pensamento teológico posterior. [...] há ainda uma outra contribuição inovadora de Boécio que incide sobre outro elemento ainda mais decisivamente essencial na constituição da escolástica como método: um estilo de pensamento teológico. Os opúsculos teológicos de Boécio - dos quais o principal é precisamente o *De Trinitate* - são as "primícias do método escolástico" [...] (LAUAND, 2008, p. 1-3).

Assim, Lauand considera que este escrito de Boécio é um marco do pensamento que influenciou toda a Idade Média: a filosofia-cristã ou Escolástica. Existem divergências quanto à definição do início da Escolástica.

Reconhecidos autores, como Le Goff e Schmitt (2006), afirmam que este foi um método de ensino organizado que nasceu conjuntamente com a universidade

medieval e que seus principais protagonistas foram os mestres pertencentes às ordens mendicantes emergentes de meados do século XIII.

Divergindo deste pensamento, Nunes aponta que "É preciso saber que a Escolástica começou a formar-se desde o início da Idade Média [...]" (1979, p. 243) e que, em seu primeiro momento, unem-se na Escolástica a concepção filosófica da vida terrena e a revelação do além, da vida após a morte. Outra face da Escolástica é a que emparelha a autoridade (estudo dos escritos clássicos e sagrados) e a razão.

Fica evidente, portanto, a existência de um esforço para formar um entendimento de mundo, uma construção do pensamento educacional que une fé e razão, tendo como base dois pilares fundamentais para a Idade Média: memória e debate. Este esforço é encontrado nas obras de Boécio e Anselmo. Eles fizeram um intenso trabalho, cuja base é a autoridade, intimamente ligada à prática do raciocínio, a uma investigação meticulosa das coisas, conforme lhes permitiam as condições sociais de seu tempo.

Compartilhamos do ponto de vista dos autores que remontam as origens da Escolástica a Boécio, tais como Grabmann (1949); Nunes (1979); Oliveira (2005); e Lauand (2008). Estes autores defendem que, mais do que um método de ensino do medievo, a Escolástica foi a própria expressão da forma de ser e de pensar as relações entre os homens medievais, sinônimo de Filosofia-cristã.

A leitura boeciana em Anselmo de Bec

Boécio e Anselmo são representantes de dois momentos muito distintos da Escolástica. Eles partiram do que era predominante em suas épocas. Boécio parte da razão em busca da fé, em um momento em que a educação se desenvolvia com base na razão e na sensibilidade. Anselmo, por sua vez, procurou entender as verdades de sua fé por meio da razão. A educação do século XI estava profundamente vinculada à fé e ganhou novo impulso com a consolidação do sistema feudal.

Na medida em que as relações feudais se fortaleceram, os indivíduos, de uma maneira geral, puderam depender menos da Igreja. Este fato levou Anselmo a elaborar argumentos que, por um lado, chamavam a atenção da Igreja para a nova realidade, e por outro lado, legitimavam sua supremacia, escrevendo que o homem possui uma racionalidade que não pode ser independente da fé.

Embora Boécio e Anselmo tenham vivenciado realidades diferentes, como dois representantes ímpares da Escolástica que foram, é possível reconhecer várias semelhanças de pensamento entre os dois. Dentre elas, gostaríamos de destacar o que eles pensam da Trindade:

["...] Dessa fé, a sentença da unidade da Trindade é: "O Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus". E, portanto, Pai, Filho e Espírito Santo são um deus e não três deuses" (BOÉCIO, *De Trinitate*, cap. I).

Devemos, portanto, crer de igual modo no pai e no filho em seu espírito, quer em cada um deles em particular, quer nos três conjuntamente, porque cada um deles em particular: pai, filho e espírito, conjuntamente, são uma única e mesma essência suprema na qual todo homem deve crer por ser o único fim que o nosso

amor há de propor-se em todos os seus atos e pensamentos (ANSELMO, *Monólogo*, cap. LXXVI).

Fica evidente que o Pai, o Filho e o Espírito Santo constituem, para ambos, um só Deus, uma única e harmoniosa essência. Esta essência é a única que "é o que é", que existe por si e que comunica a existência a tudo:

"[...] o homem não realiza em si a totalidade do ser humano, e por isso não é substância; o que ele é, deve-o a outras coisas que não são homem. Deus, porém, é o próprio Deus; não é outra coisa senão "o que é" e, por isso, é Deus mesmo" (BOÉCIO, *De Trinitate*, cap. IV).

"[...] o espírito criador é o único que existe de verdade, e todas as coisas criadas não existem, apesar de a sua não-existência não ser absoluta, porque foram transformadas em algo ao serem criadas do nada por aquele que, único, existe de maneira absoluta" (ANSELMO, *Monólogo*, cap. XXVIII).

"Somente tu, ó Senhor, és aquilo que és, e somente tu és aquele que és". (ANSELMO, *Proslógio*, cap. XXII).

Da mesma forma que este ser é a essência absoluta, ele o é em relação aos atributos. Ele é a própria grandeza, justiça e bondade:

""Grande" também se diz do homem ou de Deus como se fosse a mesma coisa dizer "homem grande" ou "Deus grande"; na verdade, porém, o homem pode até ser grande; mas Deus é, Ele mesmo, o próprio grande". (BOÉCIO, *De Trinitate*, cap. IV).

"Ser justa e ser a justiça, para a essência suprema, é a mesma coisa; e assim o mesmo acontece com os outros atributos, dos quais nenhum expressa sua qualidade e grandeza, mas a essência" (ANSELMO, *Monólogo*, cap. IV).

Tanto Boécio como Anselmo teorizaram a respeito da existência de Deus e, ao fazê-lo, pensaram no que o homem é e no que pensa sobre a vida. Sobre o pensar Deus, Savian Filho escreveu:

"A reflexão sobre Deus implica, portanto, antes de tudo, uma reflexão sobre as possibilidades e limites do próprio conhecimento humano, e é no conjunto do saber especulativo, tal como formalizado por Aristóteles, que Boécio encontra apoio para falar de Deus. Dessa perspectiva, fé e razão constituem, uma para a outra, como que a possibilidade de expansão de limites, pois a fé expande-se para a inteligência de seus conteúdos, enquanto a razão, por sua vez, expande-se para o campo que a transcende inteiramente, campo esse que é aberto pela fé, pois ela, a razão, por si só, aí não entraria; ao mesmo tempo, na contrapartida, a razão oferece à fé o contributo de uma inteligibilidade e universalidade possíveis" (1997, p. 115).

Esta integração entre fé e razão, segundo Zilles (1996), recebe novo impulso no século XI. A dialética passa a ser aplicada "afoitamente" às verdades da fé, inaugurando um período áureo da escolástica. Embora vislumbremos o novo, não

podemos nos esquecer de que, desde seu início, com Boécio, os escolásticos evidenciaram os embates entre fé e razão como uma forma de pensar própria do medievo:

"Os escolásticos vivem numa extraordinária confiança na razão para penetrar nas profundezas do mistério. Para eles a fé não é um carisma extraordinário, cuja transcendência se situe fora da maneira de pensar. É antes a encarnação da verdade divina em nosso espírito. A fé tende à busca de razões de sua esperança; procurar formular, estudar e resolver os problemas de maneira racional no âmbito do mistério. [...] A fé fornece a verdade divina que permite usar a razão sem equívoco". (ZILLES, 1996, p. 57 e 61).

Podemos dizer que ao cristão não poderia faltar nenhum desses conhecimentos[2], ou seja, a fé ou a razão. Foi graças à manutenção desse pensamento reflexivo, desenvolvido essencialmente na Igreja e nos mosteiros[3], encontrados com tamanha profundidade, como em Boécio, que a sociedade pôde ser norteadada, educada, e se desenvolver até o ponto em que a encontramos nos dias de Anselmo.

Considerações finais

Acreditamos que foi por meio das leituras que Anselmo fez de autoridades, como Boécio, que ele se tornou apto a refletir e a teorizar sobre seu presente. Observamos que Anselmo, ao falar de Deus, não só fundamentou sua fé como também afirmou que a razão é inerente à essência humana. O homem cristão, portanto, é resultado do desenvolvimento de dois elementos que compõem sua totalidade: a fé e a razão. Ou seja, ele entende porque crê e crê porque entende. Este é um pensar fundamentado na reflexão histórica, caminho este trilhado por pensadores como Boécio e Anselmo, e que também intentamos percorrer.

Deste modo, acreditamos que, embora datadas historicamente, muitas lições encontradas nos clássicos são atemporais. Os "grandes homens" não surgiram do acaso, eles foram construídos sobre o alicerce da história, procuraram compreender o caráter educativo do passado, que é imprescindível à formação do homem atual porque amplia seu "leque" de possibilidades e experiências. Conhecer é subsidiar-se para o presente e para o futuro.

Referências

ANSELMO DE BEC. Monólogo. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. Proslógio. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BOÉCIO. **A Consolação da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. De Trinitate. In: LAUAND, J. **Boécio e o De Trinitate**: Tradução e estudo introdutório. Disponível em: . Acesso em: 10 jul. 2008.

BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1970.

GRABMANN, M. **Filosofia Medieval**. Barcelona: Labor, 1949.

LAUAND, J. **Boécio e o De Trinitate**: Tradução e estudo introdutório. Disponível em: . Acesso em: 10 jul. 2008.

LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

NUNES, R. A. C. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: EPU: EDUSP, 1979.

OLIVEIRA, T. **Escolástica**. São Paulo: Mandruvá, 2005.

REGRA DE SÃO BENTO. Disponível em: <
<http://www.ricardocosta.com/textos/bento.htm>>. Acesso em: 11 abr. 2008.

SAVIAN FILHO, J. In: **Escritos** (Opuscula Sacra). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

STEENBERGHEN, F. V. **História da Filosofia**: período cristão. Lisboa: Gradiva, s/d.

ZILLES, U. **Fé e Razão no pensamento medieval**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

[1] Juntamente com a *Bíblia* e a *Regra de São Bento*, *A Consolação da Filosofia* compõe o rol das obras mais lidas da Idade Média. Não é nosso objetivo discutir a *Regra*. Seu conteúdo pode ser encontrado, na íntegra, no endereço eletrônico: <http://www.ricardocosta.com/textos/bento.htm>.

[2] Consideramos fontes de conhecimento tanto a fé quanto a razão, pois ambas são esforços empreendidos na busca por explicar a vida e as relações humanas.

[3] Os mosteiros foram espaços de preservação da vida física e intelectual, lócus do saber da Idade Média. O patrimônio cultural pôde ser salvaguardado graças ao trabalho dos monges copistas.